
CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS: A CATEGORIA REFUGIADO NO TELEJORNALISMO BRASILEIRO

CONTEMPORARY CONFLICT: THE REFUGEE CATEGORY IN BRAZILIAN TELEJOURNALISM

Resumo

Entender a complexidade da mobilidade humana, em pleno século XXI, faz-se necessário não apenas na agenda dos direitos humanos, mas nos meios de comunicação social. Por meio de uma Análise de Conteúdo Qualitativa referente a cinco meses dos telejornais *Jornal Nacional* e *Jornal da Record* e, posteriormente, a uma Análise de Discurso de quatro peças, foi possível verificar que esses meios não tem o cuidado de diferenciar as variações existentes dentro das migrações, como os refugiados, por exemplo, atualmente protagonistas de grandes conflitos. Para embasar teoricamente o estudo foram utilizadas as Teorias da Comunicação e a hipótese de *Agenda-Setting*, assim como a influência de agências internacionais na pauta da mídia nacional e as Representações Sociais de Serge Moscovici.

Palavras-chave: Refugiado. Imigração. Telejornalismo. *Agenda-Setting*. Representação Social.

Abstract

Understanding the complexity of human mobility in the 21st century is necessary not only in the human rights agenda, but in the media. Through a Qualitative Content Analysis referring to five months of the *Jornal Nacional* and *Jornal da Record* television newsletters and, later, a four-part Discourse Analysis, it was possible to verify that these media are not careful to differentiate the existing variations within the Migrations, such as refugees, for example, currently leading major conflicts. To theoretically base the study, we used the Communication Theories and the *Agenda-Setting* hypothesis, as well as the influence of international agencies on the national media agenda and the Social Representations of Serge Moscovici.

Keywords: Refugee. Immigration. Television Journalism. *Agenda-Setting*. Content analysis.

¹ Mestre em Ciências Sociais pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (2017); Graduada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, pelo Centro Universitário UniBrasil (2013); Intercambista pelo Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa. E-mail: liscremin@hotmail.com

² Professora Catedrática da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. E-mail: sst@fcsh.unl.pt

INTRODUÇÃO

As migrações internacionais são uma realidade social que se tornaram uma temática central de debates políticos, econômicos e sociais de governos e organizações internacionais e, conseqüentemente, da mídia nos últimos anos. Desde o atentado às Torres Gêmeas, em Nova Iorque (EUA), em 11 de setembro de 2001, este assunto ganhou maior visibilidade contemporânea e ainda divide opiniões entre a racionalidade e a emotividade dos países de acolhimento. Entender a complexidade da mobilidade humana em pleno século XXI, constitui um imperativo não apenas na agenda dos direitos humanos, mas também nos meios de comunicação social. Como afirmam Maxwell McCombs e Donald Shaw, na obra *The Agenda-Setting function of Mass Media* (1972), a mídia passa a ditar a pauta dos debates que acontecem entre cidadãos do mundo e, sobretudo, passa a definir o que é ou não pensado com relação a assuntos em voga.

Este artigo, recorte de uma dissertação, aborda um tipo particular de migrações – a dos refugiados. Os processos migratórios desenvolvidos pelos refugiados são impostos pela necessidade de buscar proteção em outro território que não o de sua origem ou residência habitual. Dados disponibilizados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) mostram que até o final de 2015 já havia um total de 65,3 milhões de pessoas deslocadas por guerras e conflitos e que até julho de 2016, a cada 113 pessoas no planeta, uma era solicitante de refúgio. Esse total inclui 21,3 milhões de refugiados ao redor do mundo, 3,2 milhões de solicitantes de refúgio e 40,8 milhões deslocados que continuam dentro de seus países. Com o aumento de 2,6 milhões de casos apenas em 2015, na comparação com os dados de 2004, nota-se um recorde mundial de deslocados internos. Além disso, calcula-se que a apatridia³ tenha afetado pelo menos 10 milhões de pessoas até o final de 2015, embora os dados enviados pelos governos indiquem a presença de 3,7% em 78 países.

Concomitantemente, as políticas migratórias caracterizam-se cada vez mais por serem políticas de controle (REIS, 2004), incluindo deslocamentos forçados que produzem refugiados. Os Estados exercem melhor a função policial de proteger suas fronteiras e de controlar os fluxos migratórios, penalizando os migrantes irregulares. Segundo o Acnur (2007, p. 21), “[...] as pessoas desalojadas à força por causa dos conflitos têm encontrado fronteiras fechadas, condições de grande hostilidade e insegurança no exílio, ou regressos apressados ou involuntários devido a medidas antiterroristas nos países de asilo”.

³ Apátridas: são pessoas que nascem sem nacionalidade ou têm sua nacionalidade retirada pelo Estado, ficando, portanto, sem proteção de um Estado nacional.

A exposição que algumas notícias ganham nos telejornais podem tornar os fatores elencados acima ainda mais sinuosos. Toma-se como exemplo o atentado ocorrido no dia 13 de novembro de 2015, 10 meses após o ataque ao jornal satírico *Charlie Hebdo*, onde tiros e bombardeios enviados pelo Estado Islâmico aconteceram em pelo menos seis pontos de Paris, deixando 130 mortos e mais de 350 feridos. Foram cerca de 89 mortos na casa de *shows* Bataclan e outros 40 próximos ao Stade de France, onde acontecia o amistoso entre a seleção de futebol da França e a da Alemanha. Este tipo de noticiário, se não especificado (de que, por exemplo, o Islã não é sinônimo de terrorismo), cria nas comunidades acolhedoras um estereótipo negativo do imigrante de tal pertença religiosa ou de tal nacionalidade. A velocidade atual de disseminação da informação gera uma fácil assimilação do que é sugerido pelos meios de comunicação. Wolf, citando Wright (1999, p. 203) sugere, baseado na Teoria Hipodérmica,⁴ que “Cada indivíduo é um átomo isolado que reage isoladamente às ordens e às sugestões dos meios de comunicação de massa monopolizados.” Wolf (1999, p. 8) ainda afirma que “[...] se o alvo é atingido, a propaganda obtém o êxito que antecipadamente se estabeleceu.”

Portanto, este trabalho tem como objetivo investigar a forma como os meios de comunicação brasileiros expõem os refugiados nos telejornais diários e entender se as notícias veiculadas em território nacional são pautadas pelos meios de comunicação internacionais, com base nas Teorias da Comunicação e na hipótese de *Agenda-Setting*, Noelle-Neumann (1973), Lippmann (2004), McCombs e Shaw (1972), Wolf (2003) que define a importância que a mídia possui no que os cidadãos devem pensar, sobre quais temas devem se preocupar, e consequentemente como devem se posicionar acerca dos elementos expostos.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

A forma das pessoas se relacionarem entre si está intimamente ligada às representações sociais e o modo ao qual cada cultura faz uso, tanto da designação, como da relação e suas simbologias. Bartlett (1961, p.12 apud Moscovici, 2011, p. 99) afirma que “quando uma forma de representação comum e já convencional está em uso antes que o signo seja introduzido, existe uma forte tendência para características particulares desaparecerem e para que todo o signo seja assimilado em uma forma mais familiar.”

⁴ A Teoria Hipodérmica é baseada no estudo do comportamento, por meio da psicologia behaviorista, em que há uma relação mecanicista e imediata entre estímulo e resposta. Persuadir os destinatários se torna uma tarefa possível e as mensagens dos meios de comunicação contêm características do estímulo que interagem de maneira diferente com os traços específicos da personalidade dos elementos que constituem o público.

É fato que hoje os meios de comunicação trabalham, inclusive, com a “fabricação” de representações sociais, podendo criar estereótipos, estigmatizar certas comunidades e difundir informações conforme lhes parecer mais cômodo. Para Alexandre (2001), tal liberdade de representações com relação à realidade coloca questões de peso sobre os efeitos da globalização da tecnologia para os grupos sociais minoritários ou excluídos, assim como os imigrantes. “Diante desse quadro mundial (da indústria da Comunicação de Massa) a mídia tem pouco espaço para a verdade, pois depende das verbas publicitárias, que são manipuladas pelas grandes indústrias e conglomerados financeiros. De cada dez notícias veiculadas pela mídia, uma é positiva”. (ALEXANDRE, 2001, p. 122)

Moscovici explica que o conhecimento, ao nível social, permite que a coletividade utilize informações veiculadas pela mídia, transformando-a em algo impessoal e recodifique-a e utilize-a conforme os valores da sociedade a qual pertence. Ou seja, a mídia integrada por um grupo de especialistas formadores e, sobretudo, difusores de representações sociais, é responsável pela estruturação de sistemas de comunicação que visam comunicar, difundir ou propagar determinadas representações. (ALEXANDRE, 2001)

Compreendendo os telejornais como o veículo temos “a principal fonte de informação das pessoas sobre o mundo que as cerca” (CARVALHO, 1997 apud VIZEU, 2003, p. 90), e “para a maioria das pessoas, os telejornais são a primeira informação que elas recebem do mundo: como está a política econômica do governo, o desempenho do Congresso Nacional, a vida dos artistas, o cotidiano do homem comum, entre outras coisas”. (VIZEU, 2003, p. 6) Essa seleção é realizada pelo jornalista em função de fatores com diferentes graus de importância e rigidez e o que se verá a seguir são os critérios para eleger o que é e o que não é notícia, na tentativa de entender porque certos assuntos têm mais relevância que outros e são colocados na pauta do dia.

CRITÉRIOS PARA SER NOTÍCIA

A seleção de notícias é elaborada por profissionais da área de jornalismo que se utilizam dos chamados valores-notícia ou critérios de noticiabilidade, para elencar os acontecimentos reais e transformá-los em produtos jornalísticos. O português Nelson Traquina (2001, p. 94) afirma que “as notícias são o resultado de um processo de produção definido como a percepção, a seleção e a transformação de uma matéria-prima (principalmente os acontecimentos) num produto”, e têm um papel fundamental no processo de divulgação das notícias. Entendemos que a mídia, em específico o telejornalismo, têm uma participação importante na construção da realidade que nos cerca. “A divulgação

cotidiana de notícias ajuda a construir imagens culturais que edificam todas as sociedades”. (MOTTA, 1997, p. 319)

Para demarcar o conceito de valores-notícia é necessário compreender que a notícia é uma construção social, ou como prefere Schudson (1978), é um produto cultural. Essa perspectiva, por sua vez, atua orientando o trabalho do jornalista, que tem a capacidade de identificar de forma mais precisa quais são os acontecimentos que possuem valor para divulgação. A proposta dessa investigação é entender como os telejornais brasileiros expõem as notas sobre os refugiados e, principalmente, se as expõem. Para isso é necessário compreender quais são os critérios que as aproximam da divulgação e quais as afastam, até mesmo porque não há espaço para a publicação ou veiculação da infinidade de acontecimentos que ocorrem no dia a dia.

Enquanto alguns fatos tornam-se notícias, outros são simplesmente ignorados e é a partir dos critérios elencados por Traquina, que a análise desse artigo se baseará. É importante salientar que Traquina (2001, p. 78), subdivide dois grupos para canalizar esses conceitos, porém se utilizará apenas o primeiro para analisar as peças: Critérios Substantivos, que dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse.

Sobre os valores notícia – Critérios Substantivos, temos: morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflitos e controvérsias. Esses elementos são fundamentais para o trabalho jornalístico em todas as suas etapas, desde a construção da pauta até a publicação da notícia.

A INFLUÊNCIA DAS AGÊNCIAS DE NOTÍCIAS E A AGENDA-SETTING

Nota-se que, recentemente, emergiram publicidades, comunicação e até culturas como parte dos instrumentos transnacionais, entre eles as agências de notícias. O sistema de comunicação transnacional foi desenvolvido com o apoio e o serviço de uma estrutura de poder, que inclui como parte fundamental a sociedade da informação. Através desta, valores e estilos de vida são transmitidos para países em desenvolvimento, que estimulam o tipo de consumo e o tipo de sociedade transnacional exigido pelo sistema como um todo. Isso engloba políticas públicas, econômicas e sociais, visando a expansão do sistema. Para Somavía (1976, p. 49) “Se o sistema transnacional perde o controle sobre as estruturas de comunicações, perderá um dos braços mais poderosos; e essa é a dificuldade da troca.”

Desta forma, a população dos países em desenvolvimento, desprovida de igualdades sociais, torna-se uma receptora passiva, sem julgamento crítico em relação à mensagem. Nestas condições, o público vai se convencer que o modelo transnacional de consumo e desenvolvimento é historicamente

inevitável. “Assim, o sistema de comunicação cumpre a sua função principal: de penetrar culturalmente o homem subdesenvolvido para condicionar a aceitar os valores de uma estrutura de poder transnacional política, económica e cultural”. (SOMAVÍA, 1976, p. 3)

Suárez-Navaz (2008) distingue a comunicação como uma das principais dimensões presentes na abordagem teórica dos fenómenos transnacionais. Ao conteúdo das agências, é de relevância entender que, segundo Paterson (2006, p. 3), Rantanen e Boyd-Barrett (2002, p. 4) e Mattelart (1994, p. 28), a função elementar das mesmas é a importação e exportação de conteúdo jornalístico, especificamente aquele de origem internacional, além-fronteiras. O Brasil, porém, tem uma situação bem peculiar.

Grande parte dos países do mundo que dispõe de alguma agência nacional, elas têm uma de duas funções, ou ambas: ou servem para abastecer sua própria mídia nacional com cobertura internacional (Reuters, AFP, AP, EFE, ANSA, DPA nasceram assim) ou operam como ‘assessorias de imprensa’ de seus governos para fora. O primeiro tipo é de input: exige manter uma vasta rede de correspondentes, o que tem alto custo operacional – por isso, só grandes empresas (sejam públicas ou privadas) conseguem manter. O segundo tipo é de output: mais barato e, em geral, mantido sob modelo estatal. Nós nunca tivemos nem uma coisa, nem outra. (AGUIAR, 2009, p. 13)

Optou-se por expor o assunto do transnacionalismo e das agências para pressupor a questão de que por conta de o Brasil carecer de agências de notícias com correspondentes brasileiros no exterior, tudo que o país recebe são matérias já formuladas com conteúdo estrangeiro, ou brevemente, dos seus escritórios e escassos correspondentes, e não há, no próprio território nacional, o estímulo da produção local. Isso, como consequência, faz com que notícias internacionais (que tem uma demanda maior), provindas de agências, sejam mais visíveis do que as nacionais, que requerem produção própria.

Um segundo levantamento a ser proposto é referente a hipótese do *Agenda-Setting* que, para Barros Filho (1995, p. 169), significava que “as pessoas agendam seus assuntos e suas conversas em função do que a mídia veicula”. Onde para Maxwell McCombs e Donald Shaw (1972, p. 187), inspirados pelos estudos de Walter Lippmann, “Estudos futuros de comportamentos da comunicação e do agendamento político devem considerar ambas as variáveis psicológicas e sociológicas, o conhecimento de ambas é crucial para estabelecer a sonoridade

das construções teóricas”⁵. Partindo-se deste princípio e das questões levantadas anteriormente, é de se supor então que, graças à importação de notícias estrangeiras (pela falta de agências de notícias), a população brasileira tenha maior contato com os problemas da imigração e dos refugiados internacionais, do que dos nacionais, e como consequência, os assuntos de maior impacto e conhecimento da população são do exterior, e não o contrário.

Considerando o que foi levantado chega-se à conclusão de que não há uma ruptura entre as agências de notícia e o *agenda-setting*, e sim um *link*, de que assim como a mídia influi sobre o que a população deve pensar, também a mídia internacional age perante a nacional.

O DESEMPENHO DA PESQUISA E SUA APLICAÇÃO

Para a organizar a recolha dos dados optou-se por elencar como fontes de análise dois telejornais brasileiros. O primeiro é o *Jornal Nacional* (JN), produzido e transmitido pela Rede Globo desde sua estreia, em 1º de setembro de 1969, exibido no horário noturno, a partir das 20h30, de segunda-feira a sábado, onde a cobertura no exterior se deu a partir de 1973 e atualmente atinge cerca de 5,5 milhões de telespectadores ao redor de mais de 130 países.

O segundo trata-se do *Jornal da Record* (JR), produzido e exibido pela Rede Record. O mesmo estreou em 1972, substituindo o antigo Jornal da REI, também vai ao ar de segunda-feira a sábado, a partir das 21h30. Atualmente faz a cobertura dos principais acontecimentos no Brasil e no mundo, com a produção de reportagens especiais e investigativas. Também conta com correspondentes internacionais, alcançando mais de 150 países.

Em uma análise primária foram assistidos 131 dias de telejornais, na íntegra. O *Jornal Nacional* tem duração média de 45 minutos diários, contabilizando um total de 98h25 assistidos, enquanto que o *Jornal da Record*, que possui em média 55 minutos de duração, obteve 109h16 no total. Dentro desse panorama foram encontradas 61 matérias em que, de alguma forma, mencionavam o termo “imigração” e, posteriormente, as mesmas passaram por uma nova análise, chegando-se a um segundo recorte e elencando apenas as reportagens que falavam sobre os refugiados.

⁵ Future studies of communication behavior and political agenda-setting must consider both psychological and sociological variables; knowledge of both is crucial to establishment of sound theoretical constructs. (McCOMBS; SHAW, 1972, p. 187).

OS REFUGIADOS

O número de matérias sobre refugiados é relativamente pequeno se comparado ao de imigrantes, sendo 15% contra 85%, mas há ainda maior disparidade em relação ao veículo de comunicação, uma vez que o *Jornal da Record* teve apenas uma matéria veiculada em cinco meses de telejornal. Já o *Jornal Nacional*, da Rede Globo, reproduziu oito matérias.

Em relação ao volume, houve um grande vácuo no período estudado. Em maio, junho e agosto apareceram apenas uma matéria; em julho não foram encontradas reportagens; e em setembro uma quantidade mais elevada de seis matérias, ou seja, o dobro dos meses anteriores. Ambas tiveram quase uma semana de intervalo, sendo publicadas nos dias 7, 14, 16 e 17, e posteriormente, duas no dia 29.

Das nove peças assistidas, a maior parte das notícias (cinco), teve um tempo de exposição de 1 minuto e 1 segundo a 2 minutos e 59 segundos, ficando entre a média de tempo tida como aceitável para abordar de forma objetiva um assunto. Duas delas obtiveram um tempo de exposição menor do que um minuto, e ambas eram notas simples; ou seja, o apresentador do telejornal fez apenas um comentário sobre o assunto, não aprofundando a notícia. Em contrapartida, também duas delas obtiveram um tempo de exposição de 3 minutos a 4 minutos e 59 segundos, mostrando de forma mais aprofundada o que estava em pauta, ou seja, a primeira referente a repressão da polícia da Hungria à refugiados que tentavam entrar no país pela fronteira com a Sérvia e a segunda sobre refugiados que queriam morar no Brasil.

Em relação as fontes que são utilizadas para compor as matérias, existe um equilíbrio; em cinco delas, são utilizadas fontes cidadãos e oficiais; quatro delas não apresentaram nenhum personagem falando sobre a temática. Porém, é relevante ressaltar que em relação aos personagens que apareceram apenas de forma ilustrativa, houve um descuido ao não comentar de forma clara e concisa a nacionalidade. Isso foi observado principalmente em relação as pessoas de origem africana, em que não havia menção do país de origem ou qualquer descrição mais detalhada, como se viu, por exemplo, com nacionalidades europeias.

A ANÁLISE DE DISCURSO

Segundo afirma Orlandi (2003), a Análise de Discurso começa por um recorte, que consiste na identificação de fragmentos de corpus dotados de sentido (associações semânticas), portanto, optou-se por analisar uma peça de cada mês em que foram encontradas reportagens sobre os refugiados, visando assim,

aprofundar o conteúdo. Como os meses de maio, junho e agosto tiveram apenas uma peça, foram essas as escolhidas. Já no mês de setembro, optou-se por analisar a peça veiculada no *Jornal da Record*, uma vez que essa foi a única matéria exibida pelo telejornal. Sendo assim, foram analisadas, com base na Análise de Discurso, um total de quatro notícias. A seguir, seguem as peças analisadas.

PEÇA 1 – 14 DE MAIO DE 2015

A matéria de âmbito internacional, veiculada no *Jornal Nacional*⁶, tem como título “Tailândia e Malásia se recusam a receber barcos superlotados de refugiados”, com duração de 1h a 2h59 e sendo uma reportagem completa (*off*⁷ + *passagem*⁸ + *sonora*⁹).

Descrição da peça, conforme o discurso do repórter Márcio Gomes:

Só nos três primeiros meses deste ano, 25 mil se arriscaram nas águas do sul da Ásia. Fogem da perseguição religiosa e da pobreza em Myanmar e Bangladesh. O destino: qualquer país que os aceite. Na Tailândia, foram barrados. A vizinha Malásia chegou a receber mil pessoas, mas depois passou a rebocar os barcos para fora das suas águas territoriais. Segundo as Nações Unidas, milhares de refugiados estão neste momento à deriva, sem conseguir socorro apesar de tantos países por perto. A situação já dura meses e se transformou em mais uma tragédia humanitária. Na foto, pescadores lançam mantimentos para 300 pessoas em uma embarcação na costa tailandesa. A tripulação abandonou o barco há uma semana. Dez pessoas morreram e foram jogadas ao mar. Mas a marinha da Tailândia não levou os passageiros para terra. Alega que cumpriu a obrigação humanitária ao dar água e comida. A polícia da Tailândia diz que aceitar os barcos seria estimular o tráfico de seres humanos. Para o representante da Organização Internacional de Migração (que não tem o nome divulgado na reportagem), é necessário combater o tráfico, mas há pessoas em risco de vida.

Desta forma, pelas palavras destacadas, é possível observar na reportagem que as três vozes existentes convergem para um mesmo ponto – o tom de drama proposto pelo telejornal. São expressões fortes e que podem causar ao telespectador uma percepção de desespero, tristeza e gravidade. Apesar de a matéria mostrar, aparentemente, apenas o lado trágico e de resistência na recepção de alguns países, ao final dela, na fala do representante da Organização Inter-

⁶ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/05/malasia-e-tailandia-se-recusam-permitir-entrada-de-refugiados.html>

⁷ *Off*: texto lido pelo repórter.

⁸ *Passagem*: aparição do repórter na notícia.

⁹ *Sonora*: fala do entrevistado/fonte/personagem.

nacional de Migração, eles iniciam uma outra percepção bastante pertinente e que deveria ser continuada – que mesmo sendo necessário o combate ao tráfico, as pessoas têm, sobretudo, direito à vida e necessitam de ajuda –, ou seja, eles lançam uma ideia importante, mas não dão vazão para a mesma. É possível notar que a Tailândia, mesmo recusando os refugiados, se diz satisfeita por ter prestado socorro, o que é o mínimo que um governo deve fazer. Ressalta-se aqui o que diz o autor Coulthard (1977), em que a linguagem parece dirigir as percepções dos indivíduos e “faz coisas” acontecerem, construindo e criando as interações sociais e os diversos mundos sociais. É notável também que, tanto na fala da âncora, quanto na fala do repórter, as palavras destacadas como “dramática”, “problema”, “recusam”, “barrados”, “à deriva” e “tragédia” aparecem com um tom mais forte na voz de ambos, dando maior ênfase e conotação ao sentido de cada uma delas. Em relação aos valores-notícia, podemos elencar a relevância e notabilidade, pois trata-se de um tema bastante pertinente; a novidade, uma vez que era um acontecimento relativamente novo; podemos utilizar também a atualidade, pois era um assunto que estava nos telejornais de vários países; conflitos, no qual para Traquina (2001) é sempre motivo de se ter um jornalista por perto; e elenca-se também a dramatização, por se tratar de um assunto delicado e com desdobramentos que atingem o emocional do telespectador.

PEÇA 2 – 15 DE JUNHO DE 2015

Na segunda peça, de cunho internacional e veiculada também no *Jornal Nacional*¹⁰, tem-se como tema a Itália acusando a França de fechar suas fronteiras para os refugiados. O contexto da matéria afirma que na Europa o governo italiano acusou a França de fechar as fronteiras para impedir a entrada de refugiados africanos. Com duração de 1 minuto e 59 segundos, trata-se de uma nota coberta, em que aparecem citadas as seguintes nacionalidades – etíope, eritreus, senegaleses, somalianos e sudaneses, porém também não há utilização de nenhum tipo de fonte compondo a matéria.

Descrição da peça, conforme o discurso da repórter Ilze Scamparini:

Há 30 anos, um acordo abria as fronteiras entre os países da Europa. Agora, na *pior crise* de refugiados depois da Segunda Guerra Mundial, a França decidiu fechar as dela. Na cidade italiana de Ventimiglia, imigrantes africanos estão sendo *proibidos* de atravessar para o lado francês. Há dois dias dormem em cima de pedras. Rezam ali as orações muçulmanas e tomam banho no mar. Vieram da Etiópia, Eritreia, Senegal, Sudão e Somália, fu-

¹⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/06/franca-fecha-fronteira-com-italia-e-se-recusa-aceitar-imigrantes-africanos.html>

gindo de *conflitos*, *miséria* e *ditaduras*. Alguns têm parentes já instalados no norte da Europa, mas são *impedidos* de seguir viagem. O ministro do Interior da França afirmou que o problema é da Itália, porque a Convenção de Shengen prevê que os imigrantes fiquem no país de entrada no continente. A Itália recebe a maioria dos que vem pelo Mar Mediterrâneo. Os centros de acolhimento estão *superlotados*, e a capital, Roma, montou abrigos temporários. As estações de trem começam a ser ocupadas por imigrantes. Jornais italianos relatam *denúncias de racismo* nos trens que vão para Munique, na Alemanha, onde negros têm sido *barrados*. O primeiro-ministro da Itália, Matteo Renzi, está preparando uma proposta para apresentar à União Europeia. Ele declarou que a França não pode usar navios para fechar o acesso pelo Mediterrâneo, e deixar os imigrantes para a Itália.

Nessa peça, novamente as palavras destacadas ressaltam o sentimento negativo da situação. É possível de se entender a forte participação pejorativa da França, uma vez que termos como “impedir”, “conflitos” e “superlotado” trazem a situação delicada pela qual passam os refugiados, e mesmo assim há um país que se recusa a auxiliá-los. De acordo com Chomsky (1975), a linguagem possui uma estrutura profunda de representação do significado, um conjunto de regras transformacionais relacionadas com a estrutura cognitiva dos sujeitos, desta forma, o telespectador pode traduzir essa peça colocando a França em uma imagem deturpada. Outro fato notável é a falta de fonte cidadã, não há quem fale por eles, como se realmente os refugiados estivessem esquecidos e sem voz. A peça também traz outro tema importante – o racismo – que ainda é bastante incidente em vários países e o que faz com que aumente o difícil momento pelos quais passavam os refugiados. Nessa notícia destacam-se os valores de relevância e tempo, já que o tema era atual e importante para ser debatido; conflitos e controvérsias, pois a presença da violência fornece mais valor-notícia e representa a quebra do que é normal; visualidade, uma vez que matérias desse cunho normalmente trazem imagens tristes e de impacto; e amplificação, ou seja, quanto mais amplificado o acontecimento, mais possibilidade de veicular a notícia.

PEÇA 3 – 26 DE AGOSTO DE 2015

Em agosto foi ao ar uma matéria de até 26 minutos, de âmbito internacional, veiculada no JN, intitulada “Hungria enviará cães e exército para impedir entrada de refugiados¹¹”. A nota coberta foi apresentada pela âncora do telejornal, Renata Vasconcellos, com o seguinte texto:

¹¹ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/08/hungria-vai-mandar-caes-e-exercito-para-impedir-entrada-de-refugiados.html>

O governo da Hungria vai mandar *cães* e o *exército* para *impedir* a entrada de refugiados pela fronteira com a Sérvia. A polícia húngara lançou bombas de gás para *conter* um *protesto* num centro de imigrantes. Famílias que fogem de guerras se arrastam pelo chão para passar pela *cerca* que o governo está erguendo. Também nesta quarta-feira (26), equipes de resgate encontraram 50 *corpos* de refugiados num barco, na costa da Líbia.

A nota, apesar de curta, revela através das palavras o tom literal de guerra pelo qual passavam os refugiados que tentavam chegar ao território húngaro. Mais do que nas reportagens anteriores, essa ressalta uma situação bastante grave de violência, enaltecida por “cães”, “exército”, “bombas” e “cerca”, o que poderia induzir o pensamento do telespectador em enxergar a Hungria como um país um tanto quanto hostil e fechado, assim como averiguar o desespero e a situação de brutalidade ao qual estavam sujeitos os refugiados. Para Véron (1980), operações técnicas-discursivas que até então estavam na órbita do campo midiático e dos seus peritos, se disseminam para outros campos, cujas práticas produtivas tomam lógicas e operações midiáticas, como condição de produção para a construção de novos processos enunciativos. Foram utilizadas as imagens de imigrantes sírios, mas que não foram usados como fontes, podendo ter a mesma conotação anterior, de que era impossível ouvi-los, até mesmo pela situação delicado pela qual passavam.

É possível compreender o uso dos valores-notícia: morte, contabilizando os 50 corpos encontrados no barco; inesperado, por tratar-se de uma notícia que desperta o interesse da população; concorrência, gerando a busca pelo furo jornalístico e pela exclusividade; e personalização, pois o jornalista valoriza as pessoas envolvidas no acontecimento e valoriza o fator “pessoa” como forma de agarrar o leitor.

PEÇA 4 – 7 DE SETEMBRO DE 2015

No dia 7 de setembro o *Jornal da Record*¹² veiculou uma matéria de 1 minuto a 2 minutos e 59 segundos, de cunho internacional, que tinha como enfoque a distribuição dos refugiados na Europa.

Descrição da peça, conforme o discurso do repórter Teo Taveira:

Na próxima quarta-feira a União Européia vai apresentar uma proposta de distribuição dos imigrantes pelo continente. O plano é acolher 120 mil, além dos que já chegaram aqui. A Alemanha puxa a fila dos que compraram a *briga* dos refugiados. A chanceler Angela Merkel, anunciou verba de 24 bilhões de reais para conter a crise. Reino Unido e França,

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=kUh84WrP8II>

devem juntos abrir as portas para 44 mil pessoas nos próximos cinco anos, mas Húngria, Eslováquia e República Tcheca *criticam* o sistema de cotas. Enquanto isso, a presidente Dilma Rouseff disse que o Brasil também está disposto *a ajudar*. 'Teremos os nossos braços abertos para *acolher* os refugiados'. Novas imagens mostram a operação da marinha brasileira que salvou 220 imigrantes no Mar Mediterrâneo no fim de semana.

Na única peça encontrada no *Jornal da Record*, e justamente por esse motivo a escolhida para a análise de setembro, é possível verificar um tom mais informativo em relação às peças do *Jornal Nacional*, com a menção de números importantes e dados concretos; ao mesmo tempo que reflete o que passam os refugiados, mostra também a posição dos países. O mais interessante é que, mesmo o repórter estando no exterior, ele traz informações sobre o posicionamento do Brasil, algo que não se viu anteriormente. Vale ressaltar apenas que o imigrante que é utilizado como fonte não foi identificado, assim como a conotação sobreposta de se tratarem tanto de imigrantes, quanto de refugiados, sem especificar cada um. Para compor a notícia foram utilizados os valores – proximidade, uma vez que o JR faz um *link* com o Brasil, para tornar o assunto mais relevante no país onde o jornal é exibido; relevância, já que é um tema atual e que envolve um grande número de pessoas; novamente notabilidade e conflitos; e consonância, em que o jornalista insere novidades num contexto ou numa história já conhecida para facilitar a compreensão pelo público.

TRATAMENTO DOS RESULTADOS E CONCLUSÃO

Quando se optou por trabalhar, já de início, as representações sociais, tendo como base o autor Serge Moscovici (2011), o propósito era fazer a seguinte ligação – influência dos meios na sociedade – promovendo o debate das possíveis consequências que a veiculação de informações – seja de forma positiva ou negativa – poderiam acarretar numa população multicultural, que mesmo tendo essa característica, ainda apresenta algumas formas de preconceito, como é o caso do Brasil. Portanto, buscou-se analisar a forma que os temas dos deslocamentos migratórios, a imigração e mais precisamente, o refúgio, foram enquadrados pela mídia nacional, dentro dos telejornais *Jornal Nacional* e *Jornal da Record*.

Em relação aos dois primeiros objetivos elencados, de perceber como eram noticiados os refugiados e se havia o cuidado de diferenciá-los dos imigrantes, lembrando que isso poderia gerar a possível criação de estereótipos, notou-se que não, não havia o cuidado de diferenciar refugiados de imigrantes e, muitas vezes, as categorias eram sobrepostas. O mesmo ficou visível para o inverso, nas matérias sobre imigração haviam citações de refúgio sem nenhuma distinção.

A partir disso, verificou-se também o objetivo seguinte – nenhuma matéria referenciava refugiados no Brasil – tendo as notícias estrangeiras mais importância do que as nacionais. De nove peças, nenhuma era de cunho brasileiro, todas tratavam da crise que estava se passando na Europa e seus desdobramentos.

Dessa percepção surgiu o levantamento da hipótese de que isso aconteceria porque existem poucos correspondentes brasileiros no exterior, o que acarretaria em uma reprodução automática do que as agências internacionais enviam. A especulação que se dá nesse ponto é de que, há realmente essa lacuna, uma vez que os escritórios internacionais, tanto da Rede Globo, quanto da Record, não estão em todos os países, podendo haver assim uma defasagem na cobertura midiática. Como há, por parte do jornalismo brasileiro, essa produção defasada, para não deixar de noticiar certos acontecimentos, principalmente com foco nas migrações, os telejornais simplesmente reproduzem o que lhes é enviado. Porém, outra especulação que surge é o porquê da mídia nacional, observando a quantidade de pedidos de refúgio que chegam diariamente ao Brasil, não utilizam essas informações para noticiar esses acontecimentos, buscando manter a população local informada.

A hipótese do *agenda-setting* também se confirmou, com base no referido acima. Essa teoria diz que, dependendo dos assuntos que venham a ser abordados – agendados – pela mídia, o público termina, a médio e longo prazos, por incluí-los igualmente em suas preocupações. Assim, a agenda da mídia termina por se constituir também na agenda individual e mesmo na agenda social. Logo, o que foi noticiado internacionalmente passou a ser veiculado pelos telejornais brasileiros abrindo-se uma subcategoria de que a mídia “agenda” a própria mídia, e que a pauta internacional acabou agendando a nacional, até mesmo pela dinâmica televisiva, uma vez que o imediatismo faz parte desse veículo. Optou-se também por fazer uma análise de discurso nas peças sobre os refugiados para entender se as palavras utilizadas poderiam impactar na recepção da população, com base em hipóteses levantadas, e de como eles se comportariam ao receber os refugiados.

Portanto, a conclusão desse estudo é satisfatória no sentido de ser, mesmo que pequeno, um instrumento para debater um assunto tão relevante e atual.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, P. Notas para uma história do jornalismo de agências. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA. 7., 2009, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: ECO/URFJ, 2009.

ALEXANDRE, M. O papel da mídia na difusão das representações sociais. *Comum*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 111-125, jul./dez. 2001.

- ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA REFUGIADOS. Perguntas e respostas. [S. l.]: ACNUR, 2007. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/dados-sobre-refugio/perguntas-e-respostas/>. Acesso em: 13 jun. 2016.
- BARROS FILHO, C. Ética na comunicação: da informação ao receptor. São Paulo: Moderna, 1995.
- CHOMSKY, N. Aspectos da teoria da sintaxe. Coimbra: Armênia Amado, 1975.
- COULTHARD, M. An Introduction to Discourse Analysis. London: Longman Group, 1977.
- LIPPMANN, W. Public opinion. Nova Iorque: Dover Editions, 2004.
- MATTELART, A. A comunicação mundo: história das técnicas e das estratégias. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MCCOMBS, M. E.; SHAW, D. L. The agenda-setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly*, Chicago, v. 36, n. 2, p. 176-187, Summer 1972.
- MOSCOVICI, S. Representações sociais: investigações em psicologia social. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MOTTA, L. G. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, M.; PORTO, S. D. (org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília, DF: Paralelo 15, 1997.
- NOELLE-NEUMANN, E. Return to the concept of powerful mass media. *Nippon Hoso Kyokai*, Tokyo, p. 67-112, 1973.
- ORLANDI, E. P. Análise de discurso: princípios e procedimentos. 5. ed. Campinas: Pontes, 2003.
- PATERSON, C. News Agency Dominance in International News on the Internet. In: SKINNER, D.; COMPTON, J. R.; GASHER, M. (org.). *Converging media, diverging politics: a political economy of News in the United States and Canada*. Lexington: Lexington Book, 2006. p. 145-164.
- RANTANEN, T.; BOYD-BARRET, O. News agencies as news sources: a re-evaluation. In: PATERSON, C. A.; SREBERNY, A. (org.). *International News in the 21st Century*. Londres: John Libbey, 2002. p. 31-46.
- REIS, R. R. Soberania, direitos humanos e migrações internacionais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 149-164, 2004.
- SCHUDSON, M. *Discovering the news: a social history of american newspaper*. Nova Iorque: Basic Books, 1978.
- SOMAVÍA, J. La estructura transnacional de poder y la información internacional. elementos para la definición de políticas frente a las agencias, transnacionales de noticias. *Nueva Sociedad*, San José, n. 25, p. 47-58, 1976.

SUÁREZ-NAVAZ, L. Lo transnacional y su aplicación a los estudios migratorios: algunas consideraciones epistemológicas. In: LORENZO, S. E. (coord.). Retos epistemológicos de las migraciones transnacionales. Barcelona: Anthropos, 2008. p. 55-78.

TRAQUINA, N. O estudo do jornalismo no século XX. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

VERÓN, E. A produção de sentido. São Paulo: Cultrix, 1980.

VIZEU, A. Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

WOLF, M. Teorias da comunicação: mass media: contextos e paradigmas. 8. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1999.

WOLF, M. Teorias da comunicação de massa. São Paulo: Martins Fontes, 2003.